

# Surto de gripe mata seis índios no Pará

Do correspondente em  
BELÉM

Seis índios araras morreram em Altamira, no Pará, entre os dias 20 e 25 do mês passado, em consequência de um surto de gripe que atingiu o grupo. A Funai soube das mortes duas semanas depois, mas não as divulgou, embora ontem o delegado do órgão em Belém, Paulo César Abreu, tenha admitido o fato. Abreu reconheceu que sabia das mortes desde abril, mas não as revelou à imprensa "porque a área de atuação dos araras está subordinada diretamente à Presidência da Funai, à qual cabe fazer a comunicação sobre o assunto".

Os araras ficaram gripados logo depois de ter visitado a cidade de Altamira. Sertanistas da Funai explicaram depois que tentaram convencer os índios, recém-contatados, a não fazer a viagem, mas todo o esforço foi inútil. Sem roupas, um grupo de índios parou um ônibus que trafegava pela Transamazônica e embarcou no quilômetro 115. Os próprios passageiros tiveram que arranjar roupas para os índios vestirem. Eles passaram dois dias visitando Altamira e depois regressaram ao posto de vigilância montado pela Funai às margens da estrada.

Poucos dias depois começou o

surto de gripe, que se alastrou por todos os 56 índios contatados pela Funai no início do ano passado. Como a situação se agravou muito, a Funai teve de montar um esquema especial de atendimento para vencer a resistência dos araras ao tratamento médico. Alguns deles chegaram a fugir para o mato, mas foram localizados e trazidos de volta para o posto, de helicóptero. Seis, porém, não foram encontrados, e a Funai só soube que eles tinham morrido quando outros índios já os haviam enterrado.

Embora a maior parte dos índios já esteja curada, vários ainda permanecem sob tratamento no posto de vigilância. Como nasceu mais um índio depois do contato, os araras somam agora 51. Os sertanistas garantem que as mortes não traumatizaram a comunidade "porque eles não morreram em consequência de tiros ou flechadas". Durante 10 anos, a Funai tentou estabelecer contato com esses índios, que ocupam uma área muito grande entre a Transamazônica e o rio Iriri, onde a Cotrijui pretendia implantar um projeto de colonização. Os índios, porém, resistiram à penetração nas suas terras, atacando colonos e até mesmo sertanistas da Funai, até que, após uma aproximação mais lenta, o sertanista Sidney Possuelo conseguiu contatá-los.

## Nenhuma solução ainda para ataques a colonos

Dos correspondentes

Ainda não houve nenhuma solução concreta para acabar com os ataques armados de índios cadiveus, que estariam sendo incitados por brancos, contra posseiros e lavradores na região de Morraria, município de Bodoquena (MS), onde há grande temor de novos ataques e incêndios de residências. Ontem à tarde, o delegado regional da Funai, coronel Amaro Barbeitas, depois de diversos dias na área, retornou a Campo Grande, mas não prestou nenhuma declaração à imprensa, tendo mantido uma longa reunião na sede local da Polícia Federal.

### DIMINUIÇÃO DE RESERVAS

O governador de Rondônia, Jorge Teixeira, voltou a sustentar que "existe muita terra para pouco índio", ao participar ontem, em Cuiabá, do I Consoa — Congresso Sobre a Ocupação da Amazônia. Assinalando que isso não significa ser contra o indígena, insistiu que a Funai deve reduzir as áreas indígenas em seu Estado, considerando "um absurdo" que ocupem um total de 200 mil hectares. Segundo ele, cinco hectares seriam suficientes para cada índio.

A posição do governador de Rondônia recebeu o apoio de seu colega de Mato Grosso, Frederico Campos, também presente ao encontro: "Apóio mesmo essa posição, porque quando o coronel Paulo Moreira Leal assumiu a presidência da Funai disse-me, através de um telefonema, que não criaria novas reservas sem antes consultar o Estado. E o que aconteceu? Desde que assumiu, já criou a reserva do Vale do Guaporé e recentemente outra no Araguaia".

Em seu pronunciamento, o governador de Rondônia manifestou o temor

de que ocorra um "grande conflito social" em seu Estado. Os colonos, alertou, já estão invadindo as terras dos índios e o agravamento desse processo é inevitável. Admitiu, porém, que sua proposta de solução causa polêmica. No entanto afirmou que se considera "um homem corajoso", pois sabe que outros Estados defendem a mesma posição mas têm medo de levantar o assunto, por causa da interferência de políticos e outras pessoas que vêem a questão indígena de uma forma ainda muito apaixonada.

Ele entende que o minifúndio é a maneira mais racional de ocupação, especialmente em seu Estado. "Rondônia tem características completamente diferentes dos outros Estados amazônicos" — admitiu, já que o ex-Território conta com 70% de terras cultiváveis. Na Amazônia, continuou, o minifúndio não pode desmatar, porque onde isso ocorre o terreno "vira areia".

Teixeira ainda informou que Rondônia recebe anualmente uma média de 80 mil pequenos agricultores, cuja chegada é desordenada. E sugeriu que o governo federal organize uma seleção dos migrantes antes de entrarem no Estado, levando em conta as reais necessidades de cada um deles.

O governador de Mato Grosso, Frederico Campos, por sua vez, também declarou que o índio deve integrar-se ao sistema de produção, "deve ser elemento que produza como nós o fazemos". Criticou a legislação de ocupação da terra, e ainda assinalou que a iniciativa particular é que deve promover a ocupação da Amazônia, pois assim a atividade não correria o risco de sofrer alterações e retardamentos com a mudança de governo.